

REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**

\* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho \*

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. telegr. Tolhaca - Lisboa - Telefone: 2

Officinas de impressão: Rua da Atalaja, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## UM GRANDE DIA

# O SIGNIFICADO DA MANIFESTAÇÃO PROLETÁRIA DE HOJE

A manifestação que o operariado de Lisboa, secundado pelo dos mais importantes centros industriais do país, hoje leva a efeito, servirá a demonstrar aos nossos adversários, que são aos milhares, que o espírito dos que trabalham está bem erguido ao alto, não havendo já possibilidade de o acabrunhar, ainda que com esse intuito se mobilizem e armem legiões de inconscientes. Demonstrará ainda que o proletariado organizado, integrado no sindicalismo, confia no seu exclusivo esforço e bem certo está ele que há de ser devido à própria acção que será possível uma transformação social que torne a ingrata existência de hoje numa existência digna de ser vivida.

Da expressão pública e colectiva que os trabalhadores da região portuguesa hoje vão produzir, ainda uma outra ilação há a tirar: a de que confiam, cada vez com mais fé, nos seus organismos de classe, e nem por essas manifestações serem serenas elas deixarão de ser significativas para todos aqueles que sabem auscultar o espírito das massas.

A's criaturas que supõem que o mundo do trabalho abandona hoje as oficinas para ir participar duma festa - como se de festas não estivesse o povo saturado! - opoemos que ou são inconscientes ou dotadas de má fé. Não. O operariado vai produzir uma afirmação revolucionária, porque não se revoluciona só com armas na mão, mas agitando ideias, preconizando-as.

## Marchando sempre

Veem algumas corporações operárias de manter acesa luta com o patronato, tendo parte delas, e das mais numerosas, saído dessa batalha com uma afirmação a mais do seu belo espírito de resistência, que se revelou superior à mais optimista expectativa, e com mais rebeldia na alma por terem sido não vencidas em luta leal pelos industriais com quem haviam aberto conflito, mas esmagadas não pela resistência daqueles, mas pela força que lhes emprestou o governo, força que, no propósito de atender a todo o transe, recorreu a todos os meios de repressão, ainda os mais ignominiosos, meios que foram desde o encerramento dos sindicatos operários até à prisão em massa de muitos grevistas que se encontravam nas cozinhas comunistas e nas praças públicas. E, assim, foi possível anular transitoriamente as reclamações operárias.

Podem os escribas que põem não só a sua pena, mas também a consciência, ao serviço de quem melhor lhes remunera o frete, tentar diminuir a grandeza do esforço operário, que não logrará produzir uma afirmação que resista a um exame imparcial e criterioso.

O observador desapassionado concordará que estarem inactivos, durante uma semana, nos ingratos tempos que correm, muitos milhares de trabalhadores, revela já da parte de quem a tal sacrifício se suporta uma varonil coragem. Porém, levar esse sacrifício além de quatro semanas, trinta dias de inactividade durante os quais o estômago não deixa de impor as suas habituais exigências, em que os filhos não cessam de reclamar pão, em que, finalmente, para resistir, depois de terem ido sucessivamente os móveis e as roupas para o prego, vão por fim os ferros da própria cama, já desgarnecida de roupas, isto, senhores que nunca conhecestes uma necessidade, isto é alguma coisa de grande, de comovedoramente heroico.

E a verdade - amarga mas confortante verdade - é que isto não é, não apenas em relação a um, mas a dezenas de operários.

Ora quem, depois ter praticado todos estes, quem após uma longa e demorada e aguerida, regressa ao trabalho, pode ir, e vai certamente, com o coração repleto de fel, mas vai também de frente alta, porque a consciência lhe diz que tudo sacrificou, tudo jogou - até a própria vida.

Eis porque o moral dos trabalhadores, ainda dos que veem de lutar, é elevado e é belo; eis porque em volta dos sindicatos se encontram os operários com fé igual à dos dias anteriores à greve; eis enfim porque esses homens, vindos duma batalha gigante, que só pôde ser bem compreendida por quem tem sentido, como nós, horas duma febre idêntica - vão fazer hoje mais uma afirmação revolucionária, abandonando novamente o trabalho, agora correspondendo não ao chamamento à luta pelo aumento do salário, mas pelo ideal, cha-

## NÃO APOIADO!

OCUTÓRIO DUM INSURRECTO

O dia primeiro de Maio, que hoje decorre, é, quanto a mim, solenemente festivo. Ele marca a volta do sol, e o visível início da quadra primaveril. Entra agora toda a superfície dos campos a recamar-se de florinhas, singelas, pequeninas, dando em cor, em perfume e em encanto tudo aquilo que tem para dar - e a boa vontade, ainda por cima. A mais não são obrigadas, as singelas florinhas dos campos. As árvores, de tristes esqueletos que ainda há pouco eram, mudaram em bouquets monumentais, todas elas verdejando galas na explosão da seiva que as intumescem. E até as fricças mais renitentes, só com o aparecimento do glorioso mês de Maio desaparecem dum modo radical, como é notório. Por isso eu considero solenemente festivo o dia 1.º de Maio, que hoje decorre. Tudo o que era cataplasma, hibernação, paralisia, finda agora. Os insectos, nas suas variadas metamorfoses, despertam já do sono em que jazeram; e, dentro em pouco, as cigarras novinhas marmarão por sob a crosta das terras leves, para ir cantar nos arvoredos, em pleno sol, o seu deslumbramento estonteante. Em tudo há reverdecimento, vitalidade - pode entender-se mesmo volúpia, amor fecundo, - e, ainda, reintegração de cada ser e de cada coisa no eixo natural e harmónico que lhe compete. Eu subi ontem, minto, anteontem, a calçada de S. Francisco, na hora em que o sol ia mais alto, e quando as vibrações magnéticas do espaço mais se afressuravam; e eis que, a meio caminho daquela ingreme artria, se me depara este espectáculo raro, e mais que raro, inverosímil, de um guarda republicano humanizado, risonho, bom-rapaz, quasi simpático, encostado na esquadra dum portal. Diante dele uma criada, nem bonita nem feia, como seom ser as moças da província, baixota e cheia de curvas ampliadas, mas atraente, apesar de tudo, por mór das graças que a mocidade empresta a todas. Davam-se as mãos, o guarda e a criada, muito perto um do outro, aspirando-se mutuamente o hálito, e na voz dele havia tremeliques de ternura a marmas-carar uma impaciência aflitiva. Ela revelava um permanente sobressalto nervoso, como se uma quadrilha de irrequietos sátiros a cocegasse; e semicerrava as pálpebras, como para evitar que os olhos do outro, fitados nos seus, fossem aperceber toda a sua ínfima fraqueza, toda a sua secreta impotência para resistir. Estes fortes elúvios da Primavera, que brotam da terra e do céu e são perceptíveis pela vista e pelo olfacto, mais juntavam o par, a pontos que guardava e criadilha, embriagados pela aproximação de Maio, formavam já um só corpo, de tão unidos, no momento em que eu os perdi de vista, ao alho da discreta calçada de S. Francisco. Puz-me depois a pensar que bem poderia a minha voz erguer-se, com plena impudência, em aclamações subversivas e insurreccionais, mesmo ao pé do influído guarda republicano, pois este, esquecido do seu papel e fera, tornado homem, duicificado pela impressionante beleza daquela dia esplendorosa, nem por sombras se lembraria de que a lei o munira duma espada, e que a sua missão consistia em bater e assassinar. Devidamente, o primeiro de Maio é bem

## O 1.º DE MAIO As manifestações do operariado

Todos os trabalhadores conscientes, que sentem o peso da atroz desgraça que a sociedade capitalista, numa ambição infamante de monopolizar os gozos da vida, faz desabar sobre os que a servem; todos os que aspiram a uma vida ideal, onde os homens irmãos não se tratam como feras, não se deglodeam nem furtim o pão que a todos pertence; todos os que sabem quão encarnizada e feroz tem sido a perseguição daqueles que desejam ardentemente emancipar-se da sua situação de escravos, não podem deixar de, em grandioso sinal de protesto contra a abjeção dominante, largar hoje a ferramenta e paralisar o trabalho.

Hoje o proletariado deve ligar à repugnância com que a sua sensibilidade repele o gesto cruel do encarceramento dos mártires de Chicago, a declaração formal de que em breve saberá vingar a morte desses precursors dos actuais revolucionários.

### O comício de Lisboa

Tudo leva a crer que o comício promovido pela União dos Sindicatos Operários, será uma demonstração de forças do operariado organizado da capital.

Após as lutas que uma grande maioria das organizações operárias sustentou contra o patronato, lutas essas que puseram à prova uma solidariedade inquebrantável por parte dos milhares de trabalhadores que nelas se lançaram, o operariado deve hoje afirmar mais uma vez o seu espírito de consciência, comparando em massa no Parque Eduardo VII, para dessa forma levantar o seu protesto contra todas as iniquidades e injustiças cometidas nos tempos que vão decorrendo.

A U. S. O. fez ontem distribuir profusamente milhares de manifestos, que publicamos ontem, convidando todos os trabalhadores a assistir ao comício, que se deve realizar pelas 15 horas.

Abriu o comício o secretário geral da U. S. O., usando da palavra o secretário geral da C. G. T. e delegados da Federação do Livro e do Jornal, Federação da Construção Civil, Federação da Indústria de Calçado, Couros e Peles, Federação dos Empregados do Comércio, Federação Corticeira, Federa-

um dia solenemente festivo. E porque não o festejamos nós, duma maneira magnífica, numa universal comunhão de amizade? Porque enquanto a natureza se cobre de galas, os homens cobrem-se de sangue. Porque à limpidez do céu de Primavera andam ligadas as maciças das grandes crimes da humanidade. Porque o primeiro de Maio traz-nos ainda à memória o trágico espectáculo de oito forcas erectas, cada uma delas suspendendo um cadáver. E' por isso que, neste dia primeiro de Maio, solenemente festivo, que hoje decorre, enquanto a natureza inteira ri, meia-humanidade chora e se confrange. Mas eu creio absolutamente que o primeiro de Maio não tardará a assumir o seu lógico cunho festivo, para que todos os homens, irmãos e felizes já então, possam nesse dia contemplar enlevadamente a suprema beleza do céu e do sol - mesmo através dos olhos duma mulher, como no caso do humanizado guarda republicano...

*Refecto Carvalho*

ração Marítima e dos Sindicatos Unicos Mobiliário, Metalúrgico e Construção Civil.

### Compositores Tipográficos

Este sindicato convida todos os seus componentes a abandonar hoje o trabalho e a comparecer no comício público, promovido pela U. S. O., demonstrando assim a sua consciência nesta manifestação de protesto universal das classes proletárias contra as injustiças sociais.

### Carruageiros

Este sindicato convida os seus componentes a não trabalharem hoje, em sinal de protesto para com a classe burguesa e perseguições do governo actual à classe trabalhadora, assim como os convida a assistir ao comício promovido pela U. S. O.

Federação do Livro e do Jornal

Esta Federação convida o operariado gráfico a abandonar o trabalho no dia de hoje e a assistir ao comício que se realiza no Parque Eduardo VII, para protestar veementemente contra as prepotências governamentais e extorsões económicas do patronato.

### Classes Mobiliárias

A fim de dar o devido significado à data gloriosa do 1.º de Maio, resolveu a comissão administrativa do Sindicato Unico não realizar a anunciada sessão comemorativa para a qual fora distribuído profusamente um manifesto, para que todos os operários, na mais bela demonstração de consciência, compareçam no comício que a U. S. O. promove, no Parque Eduardo VII, para o qual nomeou delegados José S. Santos Arranha, José Martins Grilo e António Manuel Marvão. Espera esta comissão que o abandono das oficinas seja completo e que todos os operários cumpram com o seu dever.

Nesta sessão comemorativa do 1.º de Maio e inauguração do Sindicato Unico das Classes Mobiliárias de Coimbra, representa as Classes Mobiliárias de Lisboa o camarada Alfredo Marques.

### Tançoeiros de Lisboa

A direcção deste sindicato na sua última reunião, apreciando o alto significado que tem para o povo trabalhador a comemoração do dia 1.º de Maio, dia em que o grito da revolta dos escravos ecoou por todo o mundo, resolveu convidar todos os camaradas tançoeiros a abandonar o trabalho hoje, podendo assim assistir à sessão na sua sede, às 10 horas, e tomar parte no comício promovido pela U. S. O., engrossando assim as fileiras daqueles que querem libertar-se do jugo capitalista.

### Pessoal dos Tabacos

Nesta associação realiza-se hoje uma sessão comemorativa do 1.º de Maio, às 12 horas, sendo também inaugurada a nova bandeira da associação e fazendo uso da palavra vários membros da classe.

### Os ferroviários da C. P.

Os corpos gerentes do Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro Portugueses na sua última reunião, resolveram, em face de ainda este ano não se poder acompanhar, no dia 1.º de Maio, os camaradas de além-fronteiras na paralização do tráfego por 10 minutos o mínimo, convida, todos os camaradas que não se acham em serviço nesse dia a comparecer na máxima força no comício público que se realiza nas terras do Parque Eduardo VII, para demonstrar que os ferroviários estão de alma e coração ao lado das outras classes contra o despotismo e prepotência de todos os governantes, tanto nacionais como estrangeiros.

### Ferrovários ao comício!

Catraeiros do porto de Lisboa

Esta classe resolveu paralisar hoje o trabalho, associando-se assim à manifestação do 1.º de Maio.

Comemorando esta data, a Associação dos Catraeiros inaugura a sua Co-

perativa, que será iniciada com duas lanchas-gazolinhas, sendo dado a uma o nome de *A Batalha*, como manifestação de apreço ao nosso jornal, que entre todos os camaradas catraeiros conta verdadeiras dedicações, e à outra o de *Ester*, que serão, respectivamente, parafinadas pelo nosso camarada de redacção Alexandre Vieira e o sr. Alfredo Pinto.

A partida, rio acima, efectuar-se-á do Cais das Colunas, às 14 horas, tendo a direcção da Cooperativa convidado os representantes da imprensa, das companhias de navegação e autoridades marítimas a assistir ao acto.

Numa das lanchas tocará um sexteto e na outra um grupo de músicos da armada.

O ingresso a bordo é feito por convites especiais.

Aos camaradas catraeiros agradecemos a prova de simpatia dada ao nosso jornal, desejando muitas prosperidades à sua Cooperativa.

### Núcleo Juventude Sindicalista do 1.º Bairro

Este núcleo convida todos os componentes a ir ao grande comício público, promovido pela U. S. O. nos terrenos do Parque Eduardo VII.

### Saúdações à BATALHA

PORTO, 30. - Saíu o 1.º número de *A Comunidade*, semanário, havendo grande entusiasmo. O grupo editor saúda *A Batalha*. - O grupo editor de *A Comunidade*.

Comemorando o dia solene 1.º de Maio, saudamos com entusiasmo o nosso jornal. - Os metalúrgicos, Alfredo Almeida, Carlos Silva, Alfredo Evaristo e Manuel Cabrita.

### Notas várias

Conforme a praxe dos anos anteriores, é considerado feriado o dia de hoje, para os operários do Município.

### NA PROVINCIA

#### Em Tires

A associação de classe dos operários da construção civil de Tires e arredores, convida todos os camaradas a abandonar hoje o trabalho e a comparecer na grande sessão comemorativa do 1.º de Maio, que se deve realizar na sede, às 16 horas. Nesta sessão devem usar da palavra, além de vários camaradas pertencentes a este sindicato, delegados da Federação Nacional da Construção Civil.

#### Em Setúbal

SETUBAL, 30. - C. - O dia 1.º de Maio, realiza a Associação dos Trabalhadores do Mar uma sessão solene, sendo inaugurados os retratos das vítimas dos últimos acontecimentos sobre a pesca. Farão uso da palavra alguns elementos em destaque dentro do sindicalismo português.

Também neste mesmo dia a Construção Civil projeta o lançamento da primeira pedra para a construção da sua sede.

### Os acontecimentos de Bôja

#### Juventude Sindicalista

BEJA, 29. - Os acontecimentos que premeditados, se desenrolaram nesta cidade, e dos quais resultou o encerramento das associações operárias, retem ainda na prisão 6 jovens, a título de cabeceiras dos mesmos.

Como é já do domínio público estes acontecimentos foram provocados para ver se se desmantelava a organização operária, o que não conseguiram e não conseguirão. Ainda ontem esta juventude reuniu na sua máxima força, deliberando continuar na sua missão, demonstrando assim que o encerramento ainda mais actividade veio criar nesta organização que, sendo de novos, já esilindi dos estão dos praxismos que a burguesia maistra nas suas escolas,

## NOTAS & COMENTÁRIOS

O 1.º de Maio Conseguiu a burguesia, durante um certo tempo, folgar com o 1.º de Maio, que tinha um carácter de saísitré que não devia ter. Soprava, então, um vento favorável às instituições capitalistas. Porém, a consciência dos proletários aperfeiçoou-se e hoje já o bom burguês não dança nos clubs, nem bebe champagne neste dia, porque os trabalhadores deixando os arraiais e as bebedeiras, celebram a próxima vitória da sua justiça e a posse da sua liberdade.

### Equívoco

*A Imprensa da Manhã* - temos mais outro! - numa nota que inseria no seu primeiro número, ontem vindo a lume, dizia que as empresas jornalísticas haviam resolvido, «a exemplo do que o ano passado se praticou a pedido dos operários gráficos», que se não publique amanhã a *Imprensa da Manhã*, e hoje a dita da noite.

Há equívoco, porquanto no seu número de 24 de Abril de 1919 dizia *A Manhã*, referindo-se ao 1.º de Maio:

«*A Manhã*, não sabe a esta hora o que está reservado para o jornalismo nesse dia. Se os tipógrafos, porém, como é natural, pretenderem associar-se a manifestação da liberdade de protesto, corrigimos nós - *A Manhã* vai ao encontro do seu legítimo querer, e contraria o dia como se ele tivesse sido um dia de trabalho. O reconhecimento de um direito, mereço das fatalidades, impõe-se leis da evolução, não se justifica da nossa parte mais do que ele é, de facto».

Equívoco ou falta de memória...

**Liberdade** Ninguém há que fale mais em liberdade que os governantes. Chegam mesmo a dizer que ocupam tam altos cargos nas sociedades para garantir a liberdade aos indivíduos. No entanto são eles que mandam construir as prisões e são eles que mandam prender os trabalhadores. E até mesmo há poucos dias o conselho de ministros resolveu garantir... a liberdade de trabalho em relação aos gráficos em greve... mandando tipógrafos militares traí-los.

**Pão** Continua em várias padarias a manigância das farinha... de gesso. Alguns cacetes nos tem apresentado mal cheirosos e mais duros do que marmeleiro. Não sabemos já como obter coisa travável e por bom preço. Só falta experimentar agora o último processo - dar com os cacetes na cara dos Mosgoeiros.

**O patriotismo** Há muito que as relações internacionais veem esmagando o sentimento patriótico, substituído-o por outro mais belo e generoso - o amor à Humanidade. No entanto alguns patriotas da cá da terra não entendem assim e especulam com fé segundo as necessidades da bolsa. Eis porque o sr. S. L. do *Tempo*, exclamava em tom enfático: «Se a palavra patriotismo, se o termo dignidade nacional não são meros sons privados de significação...»

Ora, o sr. S. L. sabe muito bem que a significação do patriotismo, em regra, é - dinheiro.

## “Um gesto digno”

Sobre o artigo que com este título *A Batalha* publicou no seu número de quinta feira, da autoria do nosso colaborador Cristiano Lima, recebemos um protesto assinado pelos artistas dramáticos do teatro do Ginásio contra algumas expressões que constam de mesmo artigo e que os referidos artistas consideram graves e injuriosas, julgando-se por elas atingidos e igualmente a distinta actriz D. Lucinda Simões, que dirige a companhia.

O autor do artigo explicará no próximo número deste jornal as suas expressões. Entretanto oferecemos-nos dizer que não vemos motivo para que os artistas em referência, entre os quais contamos amigos, justamente se possam considerar alvejados.

Também a ilustre artista sr.ª D. Amélia Rei Colaço nos escreve a propósito do mesmo artigo, manifestando, num sentimento que muito a nobilita, o seu desgosto e também a sua discrepância, acompanhando assim a classe a que pertence.

**Trabalhadores:** Lede e propagai *A Batalha*.



# Primeiro de Maio

Ah, naquele recanto do jardim público, enquanto futuro, seu irmãozinho de dois anos, com as suas maninhas inexpressivas, ia fazendo, e desfazendo, pequenos montes de terra. Graciosa impaciava-se, cada minuto que decorria parecia-lhe uma eternidade.

E' sempre assim quando se espera: a impaciência, de mistura muitas vezes com a dúvida sobre a dedicação da pessoa por que se espera, ou com o receio de que lhe tenha sucedido alguma infelicidade, assaltam-nos o espírito com muita frequência, mas quando o amor toma parte integrante na impaciência, todas essas dúvidas, todos esses receios, se avolumam, tomam proporções estranhas.

Graciosa passava por todas as graduações da impaciência, a sombra da dúvida passou rápida, ligeiramente, pelo seu pensamento, mas o temor de que tivesse sucedido alguma fatalidade, esse desenvolvia-se, ao mesmo tempo que uma voz secreta, a da grande reserva de confiança que possui o coração humano, a esperança, lhe segredava que o seu amado viria, que dentro de breves instantes lhe surgiria sorrindo-lhe como sempre, e então a sua presença afugentaria do seu espírito aqueles negros presentimentos, que tanto a faziam sofrer, e imporia um pouco de serenidade à sua alma que sentia um apaixonado desejo de compartilhar com ele uma vida de amor e de paz. A demora de Octávio inquietava-a. Era a primeira vez que tal acontecia, ela chegar ao primeiro lugar.

Filha da cidade, como o seu noivo, extremamente simpática, não se sentia, de olhos negros e meigos, morena, delicada de talhe e de maneiras, era como que uma flor simples e mimosa, sem a fragrância e o colorido das flores de jardim, é certo, mas possuindo o encanto das singelas flores do campo, que matizando os prados e as searas, põem, na amplitude agreste dos montes, na profunda melancolia dos vales, uma nota sorridente e doce.

Era muito estimada pela vizinhança, que lamentava sinceramente aquela sua paixão por Octávio, que sem motivo era mal visto, não porque ele fosse mau rapaz, pois que era um filho extremamente bom, irmão, um companheiro e amigo fiel e dedicado, trabalhador infatigável pelo pão do estômago e do espírito, mas porque tinha umas ideias terríveis de transformação social, queria que todos fossem bons e felizes, uma coisa impossível, que representava a destruição do mundo que fora criado para prazer de uns, os ricos, e para sofrimentos de outros, os pobres.

Assim pensava a gente da rua da Graciosa, a respeito de Octávio, operário electricista, militante activo e inteligente: da sua classe, abraçando em amor e fé a causa da emancipação humana, e que a honrava com a sua palavra e com o seu procedimento. Sendo um amante fervoroso da liberdade, ele, pela sua soberana força de vontade, subjugava e vencera as forças acobardadas do passado, que impediam como um estigma sobre a alma humana, guiando-a torpemente pelo tortuoso e perverso caminho do vício nocivo ao espírito e ao corpo, fazendo marchar o homem nas trevas da ignorância que, quando não conduziam ao crime, deixam o ser humano amarrado à grilheta da escravidão social e económica.

Uma parte daquela animosidade, que nem aos bons sentimentos nem aos modos correctos de Octávio parecia querer ceder, era devido ao seu aspecto um tanto grave e taciturno, em que se reflectia a muita dedicação e o grande sofrimento que lhe inspirava a situação miserável do povo.

Os seus olhos castanhos eram duma franqueza rude, mas não agressiva, o rosto comprido e macilento maninha ordinariamente uma expressão serena, mas a sua expressão completa, a sua alegria, os motivos de tristeza sobrejavam nêla as passagens de fúria e de contentamento.

A gente ignorante julgava ver nos traços um tanto duros da sua fisionomia, as asperidades duma alma cheia de rancor e de inveja. A ignorância, a estupididade, todo o atavismo da sua moralidade e viciosa, não lhes deixavam vê-la na fisionomia de Octávio que o que parecia exprimir uma dureza de sentimentos, era pura e simplesmente a manifestação legítima do seu grande carácter digno e firme, que sendo capaz da generosidade imaculada duma criança, tinha rasos varonis e decididos do lutador que é incapaz de uma indignidade para vencer ou de pedir perdão ao cair ferido e materialmente derrotado.

E assim, as vizinhas de Graciosa, fundando a tristeza do semblante de Octávio às ideias que ele prodigamente se movia, faziam dele um ser perverso, que fascinava a pobre donzela, que iria passar com ele uma vida de inenarráveis torturas morais e físicas, porque, sem quasi darem por isso, faziam reflectir nos outros a sua vida de erupção e de sofrimento, pois não podiam conceber que um homem com tal aspecto e com tais ideias fosse melhor que os seus maridos, criaturas evadidas dos peores vícios e preconceitos.

Elas desconheciam os tesouros de bondade que estavam ocultos no peito de Octávio, e mesmo se os conhecessem não os compreenderiam. Só as almas irmãs se compreendem e completam.

Ouviram-se passos. Graciosa conhecia-os bem, eram dele. O coração palpitou-lhe com mais força, um tremor estranho apouso-se do seu ser e um frio exquisto e um calor reconfortante percorriam-lhe todo o corpo. Parecia que tinha febre.

Comovida e ansiosa, fixava o ponto do jardim de onde Octávio devia surgir. Pouco tempo esperou, num alvoroço juvenil, ruborizando-se, esperou o namorado que, sorridente, vinha já na volta dum cantero orlado de miosótis.

—Esperaste muito tempo, não é verdade? Tem paciência! —disse Octávio, apertando na sua a mão trêmula e macia de Graciosa.

—O' não, cheguei há bocadinho, mas os minutos pareciam-me horas.

Octávio beijou-o e acariciou o pequeno futuro, depois de se dirigir à sua amada explicando as razões da sua demora.

Ficaram por segundos contemplando-se, sem atenderem aos gritos do pequenino que batendo com as palmas das maninhas sobre o assento dum banco, dizia para Octávio:

—Senhor, senhora, meu amigo.

O garotinho traquinas convidava-o a sentarem-se, pois, queria saltar para os joelhos de Octávio, para executar as suas cabriolas e receber os afagos do seu amigo, em cujos braços muitas vezes adormecia.

Mas eles estavam muito enlevados nas suas explicações, e futuro decidiram-se a voltar a brincar com as pedrinhas e com terra do jardim.

Por fim sentaram-se, e a data daquela dia, o 1.º de Maio, cujas manifestações comemorativas da classe operária deram motivo à demora de Octávio, foi o tema da sua conversação daquela tarde.

—Sim, os trabalhadores foram muito felizes ao escolherem o dia 1.º de Maio para celebrar a sua festa. E' um mês lindo, as flores ostentam-se com todo o seu colorido e aroma, o sol é belo, e parece-nos que tudo que nos rodeia nos dá mais vida e alegria, dizia Graciosa, fitando com doçura os seus olhos no seu distante como num sonho.

Octávio sorriu tristemente e calhou: —Enganas-te, minha querida. Nenhuma dessas belas coisas influem no ânimo dos proletários, nem esse dia é para nós, que pensamos e que sentimos, considerado dia de festa.

—Não? Sempre ouvi dizer que era a festa do trabalho.

—Não, minha boa Graciosa. Esse dia tem para nós, os revolucionários conscientes, uma recordação bem dolorosa. As flores que vicejam nessa data memorável são as flores do martírio, uma árvore de dor e de sangue tola do sol da nossa alegria, quando no nosso pensamento se nos apresenta a verdadeira causa porque ela se tornou tal lembrança.

—Conta-me, então, gosto de conhecer essas coisas, solicitou Graciosa com carinho e interesse.

—Imagina a origem triste e dolorosa do 1.º de Maio, que a inconsciência e a cobardia de muitos e os interesses políticos de alguns homens quiseram transformar numa data festiva. Foi na América do Norte, em Chicago, que o caso se passou. Os trabalhadores desde há muito tempo que se agitavam para conquistar as oito horas de trabalho, que algumas classes isoladamente já tinham, e se bem que em muitos estados já estivesse decretado o dia legal de oito horas de trabalho, eles tinham de lutar por elas, pois os patrões não respeitavam a lei.

—Só pela força é que se consegue desobediência, exclamou Graciosa.

—Os operários trataram de fortificar a sua organização e de orientar a sua propaganda, resolvendo, visto que as greves parciais pouco ou nenhum resultado davam, lançar a ideia da greve geral, que se declararia no dia 1.º de Maio de 1886.

—Já já tantos anos! Já nesse tempo se pensava assim!

—E' verdade, há trinta e quatro anos. Ainda não eram nascidos. Os patrões perseguiram os operários, despedindo-os a centenas, porque se recusavam a abandonar as associações; por esse motivo deram-se até graves conflitos entre uns e outros. No dia marcado estalou a greve geral, que se manteve e se generalizou com certa rapidez, começando os patrões a ceder, o que era um verdadeiro triunfo para a causa do trabalho, que vencia em toda a linha, apesar da intervenção brutal da polícia em várias reuniões operárias.

—Sempre os mesmos cães, em toda a parte.

—Mas nem todos os trabalhadores compreenderam o seu dever, dando origem aos mais enérgicos protestos dos seus camaradas e concorrendo assim para uma maior exaltação dos espíritos que, a atitude da polícia fazendo fôgo sobre a multidão, que assistia a um comício no dia 3, matando seis pessoas e ferindo grande número delas, acabou por levar ao rubro.

—Então a greve durou muitos dias?

—Alguns. O movimento iniciou-se no dia 1 e manter-se ia até completa vitória. A burguesia não se abateu e andava apavorada com a agitação proletária, e quando a greve estalou a sua irritação não conheceu limites; tratou de fazer reprimir com ferocidade a audácia dos seus escravos.

—Os ricos querem o mundo só para eles, os outros, os pobres, não de ser eternamente as bestas de carga. Malvados!

—Malvados e estúpidos, continuou Octávio. Mas como os operários não lhes tivessem dado ensejo para uma repressão violenta, como ela ambicionava, decidiram-se a provocá-la, fazendo dissolver pela força bruta um comício que no dia 4, à noite, se realizou em Haymarket, para protestar contra as atrocidades da polícia cometidas sobre os grevistas. Nesse comício como nos outros e nas várias sessões de propaganda, tomaram parte os mais inteligentes e dedicados propagandistas da causa revolucionária, e quando Fielden, um dos oradores, terminava o seu discurso, uma força de cento e oitenta guardas da polícia, de armas apertadas, avançou ameaçadoramente contra a multidão, para dissolver o comício.

Quando ela já ia a exercer a sua acção brutal, uma bomba foi arrojada por mão desconhecida e caindo entre a força da polícia, explodiu com enorme estrondo, ficando morto um guarda e feridos mais de sessenta.

—Reinfecto, receberam a paga que mereciam.

—Estava encontrado o pretexto para o capitalismo norte-americano exercer a sua vingança, que bem cruel foi, existindo a convicção que, a explosão da bomba com que a burguesia pretendia depois justificar o seu crime do 11 de Novembro de 1887, foi obra dum plano maquinado, para conseguir assim inutilizar as melhores cabeças do movimento operário.

—Tudo isso se passou em Chicago?

—Sim, em Chicago. A polícia, refectida do pavor do primeiro momento, perseguiu a tiro toda a gente, matando e ferindo muitas pessoas.

A imprensa, às ordens dos exploradores do povo, fez uma campanha infame contra a organização operária e seus militantes. Foram presos muitos operários, os domicílios violados e encarcerados indivíduos sem que a medida, sem razão o justificasse. Os jornais revolucionários foram suprimidos, presos os seus redactores e editores, as reuniões operárias foram proibidas.

—Os capitalistas deram largas ao seu odio, praticando as maiores violências —exclamou Graciosa com indignação— Mas não é tudo. A monstruosidade praticada-se mais tarde. Essas perseguições são, por assim dizer, o pão nosso de cada dia. Os oradores que tinham tomado parte no comício de Haymarket, a excepção de um chamado Parsons, que tinha saído de Chicago, de entre os presos escolheram aqueles que mais odio lhe mereciam pela sua actividade, inteligência e firmeza de convicções, que mais influência exerciam na massa trabalhadora, e organizaram um processo, o mais vergonhoso pelo espírito de vingança, pela cobardia e pelas mentiras que estava impregnado. Os burgueses recorrem a todas as faustas para se desazerem de odo dos melhores amigos do povo e matarem a nascente ideia da greve geral.

—Consigiram em parte realizar a sua perversa obra, mas por outro lado deram, pelo que vejo maior impulso a uma ideia que nascia.

—Isso mesmo. O julgamento foi uma comédia em que o rancor do capitalismo se patenteou bem às claras. Os acusados foram: Augustus Spies, Miguel Schwab, Samuel Fielden, Adolfo Fischer, George Schramm, Oscar Neebe, Rodolfo Schramm e Alberto Parsons. Estes dois últimos não estavam nas mãos da polícia, mas Parsons a certa altura sentenciou-se ao tribunal para compartilhar da sorte dos seus amigos e camaradas.

—Que grande alma, um verdadeiro herói, o seu nome jamais me esquecerá —interrompeu Graciosa com os olhos orvalhados pelas lágrimas da mais sincera comção.

—Os actos dos foram os únicos que se portaram com valentia e dignidade. Os seus últimos discursos são repositores duma energia, duma fé e duma amor pelas ideias anarquistas que a gente sente pequena ante a grandeza moral daqueles homens condenados à morte e prisa perpetua. O julgamento internacional pessoas de todas as categorias sociais. Foi assim que a menina Nina Van Zandt, descendente de família rica e distinta, e outra jovem formosa e elegante, Eda Muller, conheceram os acusados, apaixonando-se a primeira por Spies, com quem mais tarde se casou para poder visitá-lo, e a segunda por Luis Ling, que dizem, era o mais esbelto de todos os acusados.

—Por muito feios até que eles fossem, a sua altivez e a sua bondade não podiam deixar de tocar todos os corações em que o sentimento vibra em cada palpitação. Que corajosas mulheres elas foram! Arrostar com as censuras imoriais da sociedade! O seu amor era puro, sem a menor mácula de interesse, pois que as grades da prisão os separavam dos seus amados, não é verdade?

—Sim, foi um amor puro, por assim dizer ideal. Mas outras mulheres como a esposa de Parsons, a mãe e a tia de Ling, manifestaram-se com umas nobres poucas vezes igualada, talvez nunca igualada.

—Há de ler-me a história desse acontecimento; interessa-me muito, está-me apaixonando. Mas continua, conta o resto, suplico a jovem um tanto nervosa.

—O sol vai já declinando e eu vou terminar, pois vão sendo horas de regressar à tua casa. Quando é que esta situação acabará? Quando é que poderemos ser um do outro, fruir o nosso amor sem penas nem críticas estúpidas e malevolos?

—E' verdade, quando chegará esse dia? Mas conta o resto.

—Como compreendes, não há nenhum motivo para o dia de hoje se de festa. O julgamento das vítimas dos potentados da América, acabou pela condenação dos seus, Neebe a 15 anos de prisão e os outros sete à morte.

—Que horror, que monstruosidade! E não houve alguém que erguesse o seu braço e o fizesse cair com todo o peso da sua indignação justiciera sobre a cabeça desses assassinos!

—Sim, alguém se levantou, foram os trabalhadores de todo o mundo, que, parece, ainda guiados pelas vozes dos grandes mártires de Chicago, nunca mais deixaram um minuto de desânimo à sociedade burguesa.

—E' pouco, é preciso mais. Esse crime só poderá ser reparado quando os poderosos caírem de vez.

—Para isso trabalhamos, minha querida. E tu também nos has de ajudar. Ainda muitos 1.º de Maio tem de passar para chegarmos ao grande dia em que um sol de paz e de felicidade há de raiar para todos os seres humanos. Firmeza e muita honestidade é que são precisas para a luta. O resto virá, mesmo a burguesia com as suas prepotências encarregar-se há de impulsionar a marcha para a revolução.

A 11 de Novembro de 1887 a justiça burguesa concluiu tragicamente a sua obra de perversidade e cobardia, enforcando Parsons, Spies, Engel e Fischer, que generosa e heroicamente morreram pela causa do povo, tendo saído dos calabouços a caminho do patíbulo, cantando a *Marselhesa*. As suas últimas palavras, pronunciadas já quando a corda fatal envolvia os seus pescoços, ressoaram no mundo como um protesto demolidor contra os algozes do proletariado e como uma esperança viva, ardente, na vitória redentora dos grandes e generosos ideais de justiça e liberdade. Ling não quiz dar aos seus inimigos o prazer de o enforcarem. Com um minúsculo cartucho de dinamite fez saltar, no calabouço, a sua cabeça, cuja cerebração tanto atterrava a burguesia de Chicago. A Schwab e Fielden foi-lhes comutada a pena de morte em prisão perpetua.

Octávio, que insensivelmente se fora entusiasmando e comovendo durante a longa exposição, que tanto sensibilizara a jovem, continuou, agora mais serenamente, na narração de certos pormenores.

Graciosa quasi não o ouvia já. Entregrava-se a graves cogitações. Ela estabelecia no seu pensamento uma escala de apreciação; no primeiro lugar, no alto, colocava aqueles mártires tan bons como activos, depois Octávio e por fim, cá muito em baixo, seu pai.

Ela comparava o procedimento do

## SOBRE UM INQUÉRITO

# LITERATOS CRIMINOSOS

A literatura que por aí estadeia a sua ignominia doutrada evoluciona traço a traço. Estrangulou os bons e os sinceros, conquistando passo a passo adeptos — os falidos e os vaidosos — que tecendo-se o elogio mútuo, amparando-se uns aos outros, conseguiram para ela uma glória fictícia, uma aureola de fogo-fátuo.

Em compensação a literatura séria, honesta, animada apenas pelo espírito altruísta de educar, nada mais exígio do que as multidões do que a perfeição dos seus sentimentos, morreu. O fim da obra campeia é o truce, a estratégia oculta sob o manto de literatura. Fundamenta-se gerilmente esta estratégia na política, no anseio de comodismo, no desejo de passar vida regalada, recebendo louros e palmas dos ingénuos, afectando um trabalho exortante, intensamente cerebral.

Em regra, o ideal do literato de hoje não é a perfeição do estilo nem a beleza do assunto; é o emprêgo público, o casamento rico, a direcção do periódico político. Para alcançá-lo, vá de colocar a pena ao serviço dum governo ou dum partido; vá de defender o tirano, atacando o tiranizado. Tecem-se elogios à pátria, à guerra e aos aliados e captam-se as simpatias das altas personalidades militares; exalta-se a aristocracia e come-se-lhe os jantares, frequentam-se-lhe as festas; enaltece-se o comércio e cisa-se o rebento com a filha dum bachaleiro.

Cada vez o literato se afasta mais e mais do caminho que devia trilhar; cada vez mais deixa a literatura de corresponder ao seu verdadeiro fim.

Toda a literatura que não venha do povo, que não se aproxime da alma do povo, é efêmera. Ora, nunca ela andou tan arredia da multidão como hoje. Quasi todos os literatos vivem uma vida absolutamente diversa da dos que trabalham; ou se lechem em preconceitos pre-históricos ou se juntam aos ricos ociosos, fazendo vida fútil, embora a fortuna, muitas das vezes, escasseie.

Daí uma literatura dissolvente, aproximando-se do povo, não para lhe elevar o sentimento, para por-lhe esse diamante rude, mas para o encastor no seu modo estreito de encarar a vida, para vincar no espírito simples a dedada da banalidade, para lhe corromper os costumes, para o contagiar dos vícios comuns nos privilegiados, que toma por modelo.

A literatura de hoje, erguida sobre a areia movediça dos privilégios — que deixaram de fazer parte integrante da Humanidade, porquanto não sofrem já as suas dores, pois, desprezando-a, inventaram hábitos novos, sorrisos, caridades, hipocrisias, generosidade, calculadas de maneira a não fazer perigar a propriedade — deixou de desempenhar o seu verdadeiro papel, falso-se a verdade. Deixou de beber nas fontes eternas — o povo — a água cristalina e inextinguível — o sentimento humano.

No entanto, apesar de não cumprir a sua missão, conseguiu durante um certo tempo, e mantém ainda, o brilho aparente que chega a deslumbrar os que o provocaram. Mas esse brilho, essa luz enganosa, apagar-se há ao mais leve sopro purificador.

Não temos, pois, presentemente, nem romantismo, nem realismo, nem mesmo futurismo. Temos a futilidade. Não temos escritores sinceros, que digam unicamente a verdade, nem ideólogos apaixonados que defendam uma causa. Temos snobs, que vão ao five o'clock e escrevem nos jornais os seus próprios elogios.

Eis em que tristes condições se encontram os literatos e a Literatura de hoje.

São estes pseudo-literatos que — dos pináculos da sua ignorância ou daquela imbecilidade comum nos snobs, — vão deixando cair, pingue, pingue, lindas

namorado, que amava loucamente, com o de seu pai que também muito estimava. Octávio era um propagandista sincero, convicto e inteligente. Ele não bebia, não fumava, não se lhe conhecia uma amante, luxo a que tanto se entregavam os rapazes da sua idade. Ele impunha-se porque era nobre, bom e instruído, estava muito próximo dos grandes heróis. Seu pai, proximo falasse também em revolução e lizesse grêgo, bebia muito, demasiado mesmo, fumava estupidamente, e com a sua desorientação na vida, fazia passar a família grandes inclemências; ele estava mais próximo da burguesia, sofria todas as consequências da sua organização viciosa e daninha.

—E' tu, pensas? Estás extasiada na contemplação ideal do generoso sacrifício dos que tam bem, tam altivamente, soberam morrer pelas suas ideias.

—E' tu, serias capaz de morrer por essas ideias? —preguntou Graciosa afoitando um soluço na garganta.

Octávio, fitando-a com uma expressão meiga, mas resoluta, respondeu com voz firme:

—Sim, se fôsse preciso...

—Que tristez!... Tam novo... E não terias penas da tua mãe... E irmãs, de ten pai? Não deixarias máguia a vida, o sol tam belo, as flores tam lindas?... Poderias resistir à dor de me deixares? —interrogou com melancolia a jovem.

—Sim, muita pena, muita dor por tudo e por todos, mas eu estimo muito as minhas ideias, preso muito a minha dignidade. Antes a morte, que vê-las conspurcadas por um acto meu indigno e nobre.

—A' sim... isso não... eu mesma, parece-me, que não mais te poderia amar se deixasses de ser activo, generoso e honrado. Que pena... se eu pudesse pertencer ao vosso partido...

—Lançaram-se nos braços um do outro, num amplexo doce e casto, as bocas encontraram-se num primeiro e puro beijo de amor, prolongado por uma intensa comção, como se selando um pacto entre os dois amantes, dispostos a empregar todo o vigor da sua mocidade, na luta pela implantação das ideias que haviam sido servidas por heróis tam sublimes, como os que se recordavam pelo Primeiro de Maio.

O sol descalcia-meigamente no horizonte entre labaredas de púrpura e ouro.

A quietude daquela tarde serena e

palavras vãs, beos trechos ôcos, no inquerito do Diário de Notícias.

Há, entre êles, alguns que disseram verdades em tempos. Hoje, porém, comunicam-se-lhes a lepra dos que tudo vemem pela pobreza de espírito e ausência de escrúpulos e, convictos de que o povo é parvo, não estando a altura de criticá-los, atiraram as convicções para traz das costas, seguindo impune, o caminho dos outros, sem um gesto de revolta, sem um grito de desespero, antes com o passo sossegado e firme de quem caminha para um jantar certo. Voltassem estes a ser sinceros como outrora e era ver então, como o inquerito se transmudaria em tremenda condenação vexatória contra uma geração inteira. Mas não, não há semelhante perigo. O inquerito é *blague* e o *Notícias* é o jornalismo o representante supremo da corrupção literária.

Assim, o inquerito passou a ser um meio-fim de meia dúzia de comediantes dizerem ao público o que não sentem e, algumas vezes, o que profundamente ignoram.

Se eu pudesse examinar minuciosamente, dentro destas acanilhadas colunas, a obra dos escritores mais afamados no nosso meio intelectual, estou absolutamente certo de que, salvo raras excepções, elas confirmariam o que em síntese venho dizendo. As suas obras são mais falsas do que cédulas de tostão. E, portanto, qualquer que não seja alfabeto nem ministro de instrução, compreenderá que os seus autores são incompetentes para responder a um inquerito desta natureza. Sendo o seu trabalho pura mentira, mentira será a sua resposta. Para que serve, então um inquerito, cujos depoimentos que o constituem não tem sinceridade?

Se existisse ainda um pouco de honestidade tal inquerito não chegaria ao comço, porque os literatos saberiam, pelo menos, abster-se de responder. Mas não. Querem representar o seu papel até ao fim.

Assim, todos êsses snobs que abusivamente tomaram de assalto um dos mais belos ramos da actividade humana; êsses super-homens incompetentes para interpretar o sentido da vida, para materializar no romance ou conto as aspirações populares; todos os que não tiveram a energia necessária para atacar a corrupção dos senhores e a ignorância dos escravos; os que em vez de immortalizar costumes fazem psicologias instantâneas; aqueles que deixaram de cantar o trabalho e o amor, para adular a preguiça, traçar sentimentos fúteis, insignificantes, nadas; todos êsses snobs desmoldados, teem o supremo arrojo de vir dizer coisas desacertadas num inquerito qualquer.

E' este facto o maior sintoma de falência de uma época, servida por hipocritas e tiranos!

Há algumas semanas que o crime bem sendo praticado nas colunas do *Notícias*, há algumas semanas que se abusa da ignorância do povo, duma maneira insustentável, enão houve ainda uma consciência que se manifestasse, nem uma opinião discordante. Prova isto quanto nefasta tem sido a obra desses mercenários das letras, que conseguiram já moldar o espírito dum povo aos seus talentos rasteiros, às suas conveniências imoriais.

Sou eu, pois, o primeiro que me revoltou contra o predomínio do erro, certo de que mais alguma consciência acordará. E ainda que tenha de ficar só em campo, não deixarei de combater tenazmente todo o cinismo, toda a ignorância de meia dúzia de impotentes que querem passar por génios e que, depois de terem praticado o odioso crime de prostituir uma geração talvez fecunda, ainda pretendem especular com o seu próprio crime.

Mário DOMINGUES

morna de Primeiro de Maio só era quebrada pelo pipilar das avesinhas que regressavam apressadas aos seus ninhos distantes.

Futuro, metido num canteiro de plantas, com a cabeceira loura rodeada de rosas brancas e vermelhas, perturbado o silêncio enleio dos dois namorados como as suas risadas infantis, saudava alegremente o amoroso par, batendo palmas com as suas fracas mãos, cheio de inocência e contentamento.

Augusto MACHADO

## Expulsos do Brasil

São presos alguns operários chegados do Brasil e mantem-se as deportações

Quando ontem chegaram a Lisboa, a bordo do vapor *Demerara*, vindos do Brasil, foram presos os operários Adelino de Car, Valho, maquista; Artur António de Melo, carpinteiro; António Jorge Abrantes; Manuel de Sousa, tecelão e Manuel Lopes, que foram expulsos pelas autoridades brasileiras, expulsão de que já se arrependiam depois, segundo um telegrama há pouco publicado na imprensa burguesa.

Eis mais uma das muitas arbitrariedades cometidas nos últimos tempos. Não se trata de justiça, mas de uma política de medo e de terror.

Frederem os operários, retem-nos logo tempo na cadeia, onde sofrem a maior das torturas, para no fim os põem na rua por que realmente estão inocentes.

Porque é para que se prendem estes camaradas?

Eis uma contradição que não pode durar muito tempo, esperamos.

Outra contradição é também o facto de se manter a deportação em Cabo Verde dos operários vindos igualmente do Brasil, operários que teem as mesmas culpas, se é culpa ter-se consciência, e que teem, por tanto, o mesmo direito a regressar a metrópole em liberdade, como em liberdade estão os seus camaradas há pouco saídos da prisão.

A ver vamos se as autoridades mantêm semelhante arbitrariedade, num regime que se diz de igualdade e liberdade.

## Ainda há operários presos!

Consta que os empregados do Manicômio Miguel Bombarda, os nossos camaradas Manuel da Silva, segundo, António da Silva Diniz, Eduardo Mendes da Trindade, Manuel da Silva, primeiro e Gomes Freire de Andrade, que há dias foram presos já tinham ordem de soltura, mas parece que por influências dos seus delatores, que os perseguem por lerem a imprensa operária, estão condenados a permanecer mais tempo em inmundos calabouços da república.

## O COMICIO DE LISBOA

# A moção da U. S. O.

No comício de hoje será apresentada a seguinte moção:

Considerando que o 1.º de Maio é o dia consagrado pela luta operária em todo o mundo a manifestação da sua unidade e conteúdo de emancipação da tutela autoritária e capitalista, e de afirmação dos princípios revolucionários que se desenvolveram os mártires de Chicago, em 1886;

Considerando que se está em plena maré de expansão dos princípios de libertação das vítimas do salário, e, em geral, de todos os que sofrem com a desigualdade económica e com a tirania política, e que, portanto, se completará a preparação consciente indispensável para que se manifeste a próxima revolução transformadora da sociedade;

Considerando que no ano que passa mais se acaninharam as pressões contra o desejo de aniquilamento das energias revolucionárias do proletariado para que este não prosseguia na sua obra renovadora, posto que o seu labor social e colectivo se encontra a par da burguesia por ter em vista a destruição dos seus privilégios, causa do mal-estar da humanidade;

Considerando que foi sobretudo com aquele objectivo que ainda há poucos dias se apresentou uma odiosa lei de excepção, sob a aparência de condicionar os autores dos actos de violência, para que não se tornassem, essa lei seria aplicável, com maior justiça, aos causadores das mortíferas guerras, aos inventores de todos os instrumentos de morte a que os interesses de tais hecatombes caracterizadas pela destruição de cidades e de campinas férteis, pela mortandade de milhões de vidas humanas, pelas epidemias, pela fome, pelo frio e a dor de incontáveis viúvas e orfãos;

Considerando que, pelo que respeita à curesia da vida, e já inutil reclamar, pois as assembléas de república e o Conselho Intelectual, sem que os governos queiram ou possam opor-se-lhes, posto que o fazem a coberto das leis que são parte integrante fundamental do Estado burguês, o Estado capitalista, e tanto assim é que, havendo vontade de esmagar impiedosamente os operários, continuam-se protegendo escandalosamente os que, além de serem os responsáveis da fome pública, ainda envenenam o povo com generosidades ou falsificados;

Considerando, pois, que há operários presos e deportados por se manifestarem contra tais anomalias e que por isso e da mais alta justiça dar-lhes, tam depressa quanto possível, a liberdade, que nunca se lhe deveria tirar, como manifestam reparedora;

Considerando, finalmente, que nesta hora milhões de trabalhadores, por formas diversas, manifestam a sua repulsa contra a injustiça dos órgãos sindicais, dando-lhes uma nova era de mais equitativa justiça;

O povo trabalhador de Lisboa reúnido em comício resolve:

1.º Prestar homenagem aos homens que na América do Norte souberam realizar a organização dos trabalhadores, corporar a sua aspiração a uma jornada de trabalho mais curta, exprimir audaciosamente as suas ideias de emancipação e por elas sofrerem corajosamente na prisão ou no patíbulo;

2.º Afirmação da luta operária em todo o mundo, a próxima remodelação da sociedade num quadro novo, em que a produção não continue na posse de determinados indivíduos para por ela fazerem fortuna em detrimento do maior número, antes seja em função dos próprios produtores, tendo-se em vista as necessidades de toda a comunidade, para o que continuará a robustecer os respectivos órgãos sindicais, dando-lhes o máximo de capacidade criadora, compatível com as possibilidades operárias;

3.º Continuar lutando, persistentemente, para a melhoria da situação dentro do actual regime económico, servindo-se dos seus próprios meios indicados pela experiência cotidiana, a despeito da má vontade e das pressões



## CONTOS DE «A BATALHA»

## O homem do torno

Era assim que o conheci em toda a sua e, valha a verdade, existia nessa designação uma certa escolha.

O caráter, toda a configuração da qual, seria bem difícil de explicar, se o separassem daquele detalhe profissional em que, como uma importante função fisiológica, toda a sua vida se concentrava.

Ele amava aquela geringonça que fazia mover com o pé, com um carinho, com uma persistência verdadeiramente maternal. De noite, quando o sono não era interrompido com o som alto, em que deixava escapar todas as preocupações pelo trabalho, eram longas expectativas, saltos bruscos a consultar o relógio, até que às cinco da manhã levantava-se, e, sem cansaço, lançava-se a dar forma a uns pedaços de madeira, apertados na bixa, se desfaziam em aparas miúdas e retorcidas. As vezes, mecia, amovia a correr; às oito abria a correr para o Arsenal, ao meio-dia voltava para jantar, e, emquanto o comer fumegava no prato, o torno roubava-lhe metade do tempo, que aos outros não chegava quase para mastigar a refeição.

A tarde, à pelas cinco e meia, chegava a casa, e enquanto a ceia o não chamava para a cozinha, era ainda o torno que o entretinha um bom bocado, até às seis da noite achava que terminara a tarefa daquele dia.

Durava isto assim há muitos anos, que o sr. Bernardo não era homem para descansar. Nada, que isso acarretava doenças, e era assim que ele era um homem rijo e que nunca conhecia sequer uma dor de dentes.

Já assim não sucedia com a senhora Francisca, a «mulher do torno», como também era conhecida. Subitamente deixavam-na de ver na chaminé, ou debruçada sobre o algar de zinco, a lavando a roupa. Procuravam-na, e, num quarto escuro, atravessado com as camas da petizada, ouviam a respiração ruidosa de um corpo contorcendo-se, o gorgolejar de alguém vomitando, ou a lamentação abafada de uma alma estufada pela dor. Era ela. Para ali estava o dia, amarfanhando-se vestida, ou semi-desmaiada, indiferente às correias e gritos da ninhada de filhos, que viviam batalhas com os bancos da cozinha.

A tarde chegava o marido, e era uma barrafina naquela casa, porque não estava a ceia pronta, porque não se arranjara isto, porque não se fizera aquilo, tudo acompanhado de passadas ruidosas, em que tombava sempre algum biscoito, ou era a mesa arredada da parede, ou em um encontro. Um dos pequenos balbuciava que a mãe estava detida, chorando, e que não saía do quarto em todo o dia. O sr. Bernardo, arrelvado, inquiria:

— Mas que tem ela? Já lhe deram o chá? ...

Penetrava no quarto, e, quase sem a ver, as escaras, informava-se:

— O costume, não? ...

E como ela não respondesse, continuava:

— Podes ou não podes vir fazer a ceia? ... Sim, que eu não estou para mandar vir comer da taberna com uma mulher em casa. ... Agora, se não podes é outra coisa. ... Chama-se a mulherinha do lado, dá-se-lhe a grama, e ela despacha isto num instante. ... E resolver. ... Eu é que não posso ir fazer a ceia, e meter essa gente na cama. Se querem que eu deixe de ir para o torno, então é outra coisa. ...

Retirava-se às apalpadelas, mandava por uma vela no quarto, e daí a pouco ouviam-se o estrepido do torno, enquanto ela ia murmurando:

— Sempre doentes. ... Sempre doentes. ... Só eu é que não adego um dia, para meter isto nos eixos. Quando a fome entrar na sua casa, então eu quero ver, sim, eu quero ver. ...

Esta scena repetia-se muitas vezes, e já ninguém com ela se preocupava, porque terminava invariavelmente assim: Daí a um bocado, a senhora Francisca aparecia na cozinha, apoiando-se às paredes, à mesa, encostava a cabeça ao umbral da chaminé, e, silenciosamente, deixava os pequenos, sem que uma única vez o fizessem sem terem o estômago aconchegado.

— Ora ali está uma grande doença, enchia o sr. Bernardo.

E, como sempre depois de ceia, o torno absorvia-o até às dez ou onze horas da noite.

A senhora Francisca emmagrecia a olhos vistos. Na teuda, no lugar da hortaliça e alguns outros encontros com amigos conhecidos, todos a lamentavam, amostando-lhe que não se deixasse morrer. Era uma desgraça, com uma casa de filhos como ela tinha. Se calhar, era mesmo disso, mas não fosse tola. ... Era preciso também ensinar. Uma mulher daquela idade!

Havia risos, mas todos se condicionam com o seu calvário. Aninhava sete filhos.

— Ora! ... dizia ela, os médicos não curam ralações. ... Dão-me alguma coisa que ainda me faz pior.

E retirava-se resignada, deixando às vezes escapar um longo suspiro.

— Coitada! ...

Da vizinhança ninguém a lamentava. A senhora Francisca era uma deixada. Aos dias das bem ouvidas o marido trabalhava. A culpa não era dele, não. Ele não era mau homem. Bem sentiam o tecto e o sobrado estremece com o rodar do torno, aquelas maldredas gloriosas. Logo, era ela. ... Ela é que era maldreda e queria que o marido também o fosse. ... Nas alterações violentas, ele explicava-se bem:

— Tu o que queres é que eu acabe com o torno, não? ... Eu um dia farei a vontade. ... E os fapazes morrerem de fome, não é por minha culpa.

A resposta dela nunca se ouvia, e era assim que só a voz dele dominava as simpatias da vizinhança e ninguém compreendia o que a senhora Francisca queria dizer quando murmurava:

— Aquele torno ainda há de trazer a minha desgraça. ...

## Vida Sindical

## COMUNICAÇÕES

**Federação do Livro e do Jornal.** — Em virtude de ter jido impresso tarde o número de *O Gráfico*, comemorativo do 1.º de Maio, e não podendo ser distribuído a todos os federados como se desejava, podem estes procurá-lo hoje na sede da Federação.

O secretário, apreciando a forma como o patronato está procedendo, criando uma crise artificial para assim conseguir baixar os salários estabelecidos no acordo ultimamente firmado, resolveu convocar as classes gráficas a uma reunião magna, que deve realizar-se na próxima terça-feira, 4, a fim de ser exposta a situação actual da gráfica e submetidas várias resoluções de momentosa importância.

**Manipuladores de Pão.** — Reuniu este sindicato com a comissão de aumento de salário. Apreciando a moção que foi aprovada na última reunião magna, que votou a greve geral em princípio, a partir do dia 30 de Abril, caso não fossem atendidas as reclamações da classe, as quais, até hoje, estão postas de parte, tanto pelo ministro da agricultura como pelos industriais, a direcção declara muito penitentemente, que não toma a responsabilidade de quaisquer actos que venham a dar-se, em virtude de não terem tido atenção alguma para aqueles que trabalham, fabricando o pão, o primeiro alimento do povo.

A comissão de melhoramentos protesta contra o mau fabrico de pão, declarando que as porcas que tem aparecido dentro do pão, não são culpa dos operários, porque são mixórdias que já veem nas farinhas da moagem, e, como as massas agora são amassadas de tamanho enorme, não se podendo voltar dentro das massadeiras, não é fácil ver-se qualquer ingrediente estranho à farinha, não devendo o público revoltar-se contra os operários, mas sim contra a moagem, única exploradora do povo e dos seus empregados. Mais avisa também a comissão que todos os açúcares devem abrir as padarias às seis horas, fechando às 16, sob pena de serem multados como manda a lei. Ontem, eram 19 horas, ainda havia algumas casas abertas, não tendo pão.

**Cortadores.** — Reuniu a comissão de vigilância desta classe e resolveu fazer respeitar a lei do horário de trabalho, em virtude das constantes reclamações que esta comissão tem tido em face do desrespeito à lei pela classe patronal, prevenindo todos os nossos camaradas e patrões que a abertura dos talhos e salchicharias é às 7 horas e o encerramento às 16, com uma hora para a refeição.

## CONVOCAÇÕES

**Trabalhadores de Teatro.** — Reuniu amanhã, pelas 14 horas, no teatro Apolo, a assembleia geral.

**Manipuladores de Pão.** — Reuniu amanhã, em assembleia magna, na sede social, pelas 15 horas, para apreciar a situação do momento e o caminho a seguir, distribuindo-se hoje avisos para tal fim.

**Pessoal dos Tabacos.** — Na sessão que hoje se realiza às 12 horas, para comemoração do 1.º de Maio, proceder-se-á à leitura da representação que vai ser entregue ao governo e à Companhia.

**Posto Sindical de Barbear.** — Está funcionando novamente, na Calçada do Combro, 38 A, o posto Sindical de barbear, que ali foi instalado quando da greve da classe dos barbeiros.

Este posto, que foi encerrado durante o período em que a sede da C. G. T. esteve selada, volta a prestar os seus serviços aos camaradas conscientes que se devam preferir a qualquer casa burguesa.

Conserva-se aberto das 9 às 23 horas.

## Na fábrica de Chelias

Na fábrica da pólvora em Chelias deu-se ontem, uma explosão na máquina de acção de pólvora, devido a uma combustão espontânea.

Não houve desastres pessoais, ficando a máquina muito avariada, sendo o barracão onde ela estava instalada, destruído pelo incêndio, que foi rapidamente apagado pelo pessoal de fabrica.

Os bombeiros municipais compareceram mas não chegaram a trabalhar.

## Sanidade pública

Segundo o boletim de sanidade interna apresentado na última sessão do conselho superior de higiene, na semana finda em 24 de abril último, manifestaram-se em Lisboa 15 casos de difteria, 4 de febre tifóide, 2 de meningite, 3 de sarampo e 8 de varíola.

## Sociedades de Recreio

**Grupo Solidário da Construção Civil.** — Realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma reunião dedicada aos sócios e suas famílias em comemoração do 1.º de Maio, assim como aos novos melhoramentos feitos na sede, e ao programa de actividades novo.

Todos os sócios tem entrada mediante apresentação da última cota e cartão de identidade e podem fazer-se acompanhar de duas pessoas da família.

A casa suja, de tanto pó de oficina instalada no lar, e da ausência de uma boa educação, fundindo-se tudo numa tarefa superior às suas forças; o marido tacaño, e os filhos por educar, estavam muitos distantes, da sua ansia de carinho, do seu feito construtivo do seu temperamento de uma harmonia selvagem.

Pois foi tudo isto que a levou ao Aljube, acusada de odiar o marido e de delatá-lo a casa, com as aparas do torno amaldiçoado.

A vizinhança ainda hoje comenta o caso como lhe parece. O sr. Bernardo, passado o espanto, caiu numa grande tristeza, que o torno já não conseguia abafar, porque atenuava muito a sua rude tarefa. Ao ver os filhos quasi sem vida, dedicou-se a eles, e toda a gente se admirava que não sentindo trabalhar tanto, ele trouxesse os filhos tão bem arranjadinhos, e até mais contentes, alagados mais gordinhos, e dizia-se então, de porta em porta:

— Era ela que era uma descaída e que lhe comia tudo. Aquilo é que era uma fera. ...

Eduardo FRIAS

## A BATALHA

## TEATRO

## COMPANHIA CARLOS LEAL

## EMPRESA

## TAVEIRA

## S. T. L.

## Hoje e sempre

## PRZ ARMADA

## Rir sem cessar

## Entusiasmo

## Luxo

## Constante

## alegria

## A BATALHA

## NA PROVINCIA

## NOS ARREDORES

## GUIMARÃES, 24

## Uma associação que marcha. ... Um presidente moderado. ... Reunião dos manipuladores de calçado

## A medida que os tempos vão decorrendo, aparecem-nos surpresas espantosas e inteligentes e extremamente admiráveis.

## A União dos Sindicatos Operários reuniu expressamente para resolver sobre a forma de levar a efeito este ano a comemoração do 1.º de Maio, nomeou, como é de praxe, uma comissão para tratar do assunto, tendo sido convidados para a referida reunião todos os sindicatos aderentes. Porém, como já há muito tempo não havia uma reunião, surgiu-nos então uma muito interessante: é o caso de uma associação que devia estar bem mais adiantada para convocar uma assembleia geral para resolver a forma de comemorar o dia 1.º de Maio.

## Trata-se da Associação dos Operários de calçados e costureiros, que, por não poderem reunir-se em sessão magna para tratar da organização, alegando os seus representantes que não tinham recebido convite para a reunião da U. S. O., o que não podem justificar, pois foram convidados como todos os outros das diversas classes.

## Mas, e que ainda mais ridículo, é o procedimento do presidente desta associação, que é um indivíduo teimoso e retrógrado, dizendo-se, contudo, socialista, e que se não associou, apresentou na assembleia uma proposta, que nos deixou decaídos aban-

## Decididamente, socialista católico propôs que a sua associação mande celebrar, no dia 1.º de Maio, uma missa na capela do cemitério municipal desta cidade, e no dia 2.º de Maio, uma data memorial, em que todos os operários sacrificados devem fazer o seu protesto contra a burguesia e a reacção, e exemplo dos bons camaradas mártires da liberdade, pode ser escolhido para quem, maneando a inconsciência desta classe, procure dar satisfação aos seus próprios interesses. Supremo desatino! Crassa ignorância!

## Como o progresso marchou. ... E amanhã, ao raiar a nova aurora, teremos de nos voltar a braços com a terrível e insustentável!

## Tal procedimento é bem digno dum socialista impostor, que está aninhado na dispensa da administração do concelho de Guimarães.

## Chegou ontem a esta cidade os camaradas Felisberto Baptista, Bento da Cruz e Serafim dos Anjos, que vieram em missão de trabalho para a aproximação da U. S. O. e da uniformidade de salários dos manipuladores de calçado.

## Para esse efeito realizou-se uma reunião que correu animada, desempenhando-se muito bem da sua missão os camaradas delegados.

## Depois de F. Baptista foi aprovada a seguinte moção:

## Os manipuladores de calçado de Guimarães, reunidos em sessão magna para tratar da organização de salários, tendo conhecimento da perseguição sistemática que é feita ao porta-voz da organização operária, A. Baptista, e da situação de abandono em que se encontra a organização operária, sob a acusação de agitadores, resolveu fazer o seu protesto contra a burguesia e a reacção, e manifestar a sua solidariedade a todas as vítimas da prepotência governamental.

## A convite dos camaradas do Porto, usou da palavra o camarada dr. Sobral de Camões, que se encontrava presente, sendo as suas palavras de amigo acolhidas pela organização operária, muito bem acolhidas pelos camaradas que tiveram o prazer de o ouvir.

## SANTAREM, 26

## Comemoração do 1.º de Maio

## Mais uma vez se comemora festivamente a data do 1.º de Maio, escolhida pelo operariado daqui para prestar homenagem à memória do padre Francisco Nunes de Sá, que em testamento deixou a importância de 24 a cada operário, filho de Santarém, que atingisse a idade de 65 anos.

## Por esse facto haverá cortejo com carros alegóricos, que se dirigirá ao cemitério, onde se fará o funeral do velho operário, e o monumento erguido em homenagem ao padre Silva, desfilando de foot-ball e sessão social.

## Tempo virá, estamos certos, que o operariado de Santarém compreenderá o verdadeiro significado desta data. ...

## VENDAS NOVAS, 25

## Também nesta vila o 1.º de Maio é comemorado com música, petardos, visitas às câmpas de operários falecidos, espalhando-se sobre elas, inauguração da bandeira da Construção Civil, germe em benefício do cofre da mesma associação, e tratou de desanar o sr. Almeida, Espírito Santo, presidente da Federação da Construção Civil de Lisboa e da Federação dos Rurais de Évora.

## Mal vai o momento e de luta e de realizações.

## PINHAL NOVO, 29

## Policiaes agressores

## Dois guardas da policia, os n.º 21 e 26, de Setúbal, que aqui vieram por qualquer motivo, não quiseram sair da terra sem deixar que fizessem de si.

## Tendo Joaquim da Silva, reprimido uma mulher por deixar a sola do sapato, e a mulher, prejudicando o primeiro invadindo-lhe uma seara, foi por ela insultado com as maiores obscenidades, no que foi acompanhado por um dos filhos do marido, e para ser gerado dela, no que o arguido deu qualquer resposta que em nada melindrava os policiaes, mas o n.º 21 não esteve com meias modas, puchou do terço e tratou de desanar o sr. Almeida, Espírito Santo, presidente da Federação da Construção Civil de Lisboa e da Federação dos Rurais de Évora.

## Mal vai o momento e de luta e de realizações.

## Uma Parceria gananciosa

## Devem os nossos leitores estar lembrados de que noutros tempos, antes da guerra, a Parceria dos Vapores Lisboenses, levava pelo transporte de passageiros para a outra banda a quantidade de 100 mil réis.

## Ainda no começo da guerra para fazer concorrência a uns barcos pequenos que faziam a mesma carreira, abateram para 60 mil réis.

## Pois actualmente que a Parceria conseguiu ficar só em campo, não se contenta com menos de 80, pelo mesmo serviço, isto é, o mesmo de transportar 25% ao pessoal.

## Prometiam, há tempos, os poderes públicos mandar um rebocador fazer o corte das águas da manha e quatro a tarde a fim de manter na ordem a gananciosa Parceria, porém, tal rebocador não apareceu ainda.

## Trabalhadores. Lede e propagai a BATALHA.

## TEATRO

## COMPANHIA CARLOS LEAL

## EMPRESA

## TAVEIRA

## S. T. L.

## Hoje e sempre

## PRZ ARMADA

## Rir sem cessar

## Entusiasmo

## Luxo

## Constante

## alegria

## A BATALHA

## NA PROVINCIA

## NOS ARREDORES

## GUIMARÃES, 24

## Uma associação que marcha. ... Um presidente moderado. ... Reunião dos manipuladores de calçado

## A medida que os tempos vão decorrendo, aparecem-nos surpresas espantosas e inteligentes e extremamente admiráveis.

## A União dos Sindicatos Operários reuniu expressamente para resolver sobre a forma de levar a efeito este ano a comemoração do 1.º de Maio, nomeou, como é de praxe, uma comissão para tratar do assunto, tendo sido convidados para a referida reunião todos os sindicatos aderentes. Porém, como já há muito tempo não havia uma reunião, surgiu-nos então uma muito interessante: é o caso de uma associação que devia estar bem mais adiantada para convocar uma assembleia geral para resolver a forma de comemorar o dia 1.º de Maio.

## Trata-se da Associação dos Operários de calçados e costureiros, que, por não poderem reunir-se em sessão magna para tratar da organização, alegando os seus representantes que não tinham recebido convite para a reunião da U. S. O., o que não podem justificar, pois foram convidados como todos os outros das diversas classes.

## Mas, e que ainda mais ridículo, é o procedimento do presidente desta associação, que é um indivíduo teimoso e retrógrado, dizendo-se, contudo, socialista, e que se não associou, apresentou na assembleia uma proposta, que nos deixou decaídos aban-

## Decididamente, socialista católico propôs que a sua associação mande celebrar, no dia 1.º de Maio, uma missa na capela do cemitério municipal desta cidade, e no dia 2.º de Maio, uma data memorial, em que todos os operários sacrificados devem fazer o seu protesto contra a burguesia e a reacção, e exemplo dos bons camaradas mártires da liberdade, pode ser escolhido para quem, maneando a inconsciência desta classe, procure dar satisfação aos seus próprios interesses. Supremo desatino! Crassa ignorância!

## Como o progresso marchou. ... E amanhã, ao raiar a nova aurora, teremos de nos voltar a braços com a terrível e insustentável!

## Tal procedimento é bem digno dum socialista impostor, que está aninhado na dispensa da administração do concelho de Guimarães.

## Chegou ontem a esta cidade os camaradas Felisberto Baptista, Bento da Cruz e Serafim dos Anjos, que vieram em missão de trabalho para a aproximação da U. S. O. e da uniformidade de salários dos manipuladores de calçado.

## Para esse efeito realizou-se uma reunião que correu animada, desempenhando-se muito bem da sua missão os camaradas delegados.

## Depois de F. Baptista foi aprovada a seguinte moção:

## Os manipuladores de calçado de Guimarães, reunidos em sessão magna para tratar da organização de salários, tendo conhecimento da perseguição sistemática que é feita ao porta-voz da organização operária, A. Baptista, e da situação de abandono em que se encontra a organização operária, sob a acusação de agitadores, resolveu fazer o seu protesto contra a burguesia e a reacção, e manifestar a sua solidariedade a todas as vítimas da prepotência governamental.

## A convite dos camaradas do Porto, usou da palavra o camarada dr. Sobral de Camões, que se encontrava presente, sendo as suas palavras de amigo acolhidas pela organização operária, muito bem acolhidas pelos camaradas que tiveram o prazer de o ouvir.

## SANTAREM, 26

## Comemoração do 1.º de Maio

## Mais uma vez se comemora festivamente a data do 1.º de Maio, escolhida pelo operariado daqui para prestar homenagem à memória do padre Francisco Nunes de Sá, que em testamento deixou a importância de 24 a cada operário, filho de Santarém, que atingisse a idade de 65 anos.

## Por esse facto haverá cortejo com carros alegóricos, que se dirigirá ao cemitério, onde se fará o funeral do velho operário, e o monumento erguido em homenagem ao padre Silva, desfilando de foot-ball e sessão social.

## Tempo virá, estamos certos, que o operariado de Santarém compreenderá o verdadeiro significado desta data. ...

## VENDAS NOVAS, 25

## Também nesta vila o 1.º de Maio é comemorado com música, petardos, visitas às câmpas de operários falecidos, espalhando-se sobre elas, inauguração da bandeira da Construção Civil, germe em benefício do cofre da mesma associação, e tratou de desanar o sr. Almeida, Espírito Santo, presidente da Federação da Construção Civil de Lisboa e da Federação dos Rurais de Évora.

## Mal vai o momento e de luta e de realizações.

## PINHAL NOVO, 29

## Policiaes agressores

## Dois guardas da policia, os n.º 21 e 26, de Setúbal, que aqui vieram por qualquer motivo, não quiseram sair da terra sem deixar que fizessem de si.

## Tendo Joaquim da Silva, reprimido uma mulher por deixar a sola do sapato, e a mulher, prejudicando o primeiro invadindo-lhe uma seara, foi por ela insultado com as maiores obscenidades, no que foi acompanhado por um dos filhos do marido, e para ser gerado dela, no que o arguido deu qualquer resposta que em nada melindrava os policiaes, mas o n.º 21 não esteve com meias modas, puchou do terço e tratou de desanar o sr. Almeida, Espírito Santo, presidente da Federação da Construção Civil de Lisboa e da Federação dos Rurais de Évora.

## Mal vai o momento e de luta e de realizações.

## Uma Parceria gananciosa

## Devem os nossos leitores estar lembrados de que noutros tempos, antes da guerra, a Parceria dos Vapores Lisboenses, levava pelo transporte de passageiros para a outra banda a quantidade de 100 mil réis.

## Ainda no começo da guerra para fazer concorrência a uns barcos pequenos que faziam a mesma carreira, abateram para 60 mil réis.

## Pois actualmente que a Parceria conseguiu ficar só em campo, não se contenta com menos de 80, pelo mesmo serviço, isto é, o mesmo de transportar 25% ao pessoal.

## Prometiam, há tempos, os poderes públicos mandar um rebocador fazer o corte das águas da manha e quatro a tarde a fim de manter na ordem a gananciosa Parceria, porém, tal rebocador não apareceu ainda.

## Trabalhadores. Lede e propagai a BATALHA.

## OS QUE MORREM

## FUNERAIS

## Realizar-se-ão hoje os seguintes funerais:

D. Inês Dora Cruz Vasques, às 16, da avenida Elias Garcia, 60; Ludgero Silveira Nunes, cercalheiro no caminho de ferro do Sul e Sueste, às 15, do hospital de S. José; D. Ana da Silva Antunes, às 15, da Avenida Almirante Reis, 60; D. Deolinda Ferreira, às 10, do Pólo do Berrito, 4; Gracinda do Nascimento Barreiros, às 12, da rua do Crucifixo, 16; D. Joana de Jesus, às 15,30, da rua Possidónio da Silva, 15; João Silvestre P. da Conceição, às 15,30, da estrada do Loureiro, 4; D. Maria Carlota, às 15, do largo de Santa Cruz do Castelo; Felde, Luis Arcin, às 16, da rua de Marvila, Vila Pessa, 8; D. Maria Helena Atalaia, às 10, da rua dos Mestros, 16; D. Perpétua Rosa Bernardes, às 16, da rua do Bemfornoso, 28.

## Vida cara e difícil

## Venda de açúcar

## A Província Central da Assistência de Lisboa distribui hoje pelos seus armazéns, sitos nas ruas de D. Vasco, Visconde de Santo Ambrósio, Santa Maria, Rua das Trancas, Calçada da Pampulha, Terço do Trigo, e Lumiar, 3150 quilos de açúcar, que será vendido ao preço da tabela, 40, e em pacotes de meio quilo, servindo assim 6.500 habitantes.

## Cada armazém distribuirá, respectivamente, 900 pacotes.

## O horário de trabalho

## Constantemente nos chegim reclamações sobre o não cumprimento da lei do horário de trabalho, o que prova que só o que é conquistado pela acção do operariado é que é respeitado pelos patrões que se riem das leis.

## Assim, dizem-nos que na área do Arco do Ceiro no Campo Grande os comerciantes não cumprem a lei, abrindo e fechando os estabelecimentos às horas que muito bem lhes apetece, prejudicando o respectivo pessoal.

## Casa dos jornalistas

## E' na próxima segunda-feira que se realiza o desafio de foot-ball entre os grupos Boleiros e Benfiteiros, em homenagem à Casa dos Jornalistas.

## O campo de jogo é o do Estoril e o desafio é organizado pela Associação de Foot-Ball.

## Casa dos Jornalistas vai conseguir a organização de comboios especiais, que estejam em relação com as horas do «match» que a Associação ainda não anunciou.

## Candeias

## a Casa que em Lisboa vende calçado mais barato

## Intendente

## Defronte do Chafariz

## JANOTAS???

## Sejam económicos!!!

## Como vestir bem e barato??

## Só na ALFAIATARIA JANOTA.

## Onde se viram fatos e sobretudos ficando como novos, baratos e no rigor da moda.

## Especialidade em obra de alto, variado sortido de fazendas a preços reduzidos.

## Aceitam-se fatos a feitura.

## Rua do Sol ao Rato, 215, loja e 3.º andar, esquina S. João dos Bemcassados. — Elétrico à porta, carro da Estrela — Postal a S. Madoira.

## Electricidade

## Instalações eléctricas de luz, campainhas, força motriz, parafusos, telefones, elevadores, gaz e água.

## Orçamentos grátis

## 62-B, Rua D. Estefânia, 62-B

## Carlos Costa

## O verdadeiro moinho



# OURO!!

Mais barato e não se paga feição  
**SÓ MILAGRE!!!**  
**OURO**

Comprem na conhecida e acreditada casa J. Paiva & Fraga  
Há sempre grande sortido de cordões,  
correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.ª mão  
renovados com pouco feição  
**4 a 12, Rua da Palma, 4 a 12**  
Junto à Casa das Gaiolas  
TELEFONE 3676

**As valentes e peras  
para a rapaziada  
DISPUTAM-SE Á PANCADA**

**Não comprem calçado!!!**

Sem ver os nossos preços

**Sempre grande exposição!!!**

**BARATO! BARATO! BARATO!**

Fornecedores dos empregados dos Caminhos  
de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste e da Coope-  
rativa dos Empregados do "Diário de Noticias".

**SAPATARIA S. ROQUE**

16—Largo de S. Roque—17



## COMPANHIA DE SEGUROS A NACIONAL

Sede na sua propriedade: AVENIDA DA LIBERDADE, 14—LISBOA

Soc. An.  
de  
Resp. Limitada

Fundada  
em  
7-4-906

191

CAPITAL  
900.000\$

RESERVAS  
162.783\$



SEGUROS SOBRE AVIDA HUMANA  
e contra accidentes no trabalho, incêndios, roubos e riscos de transporte

## Depósito de Materias para Construção e Oficina de Canteiro e Estatuária

Arca do Alentejo e Rio Sico, cal em pó e em pedra,  
manilhas de barro, teijolos de todas as qualidades, barro refractário,  
tubos de grés, pedra de alvenaria, basalto  
e vidraças para calçadas  
TELEFONE N.º 828

**Casimiro José Sabido & C.ª, Irmão, L.ª**

Fabrica de cal, produtos cerâmicos e ladrilhos mosaicos

Cimento Portland, pozolana dos Açores, ladrilhos de mosaico,  
azulejos, cantarias de Paço de Arcos, Pêra Pinheiro, jazigos, estatuas,  
xadresses e mármore para móveis

150, Rua de S. Bento, 172  
LISBOA

## Cooperativa Indústria Social (Responsabilidade limitada)

Fundição de Ferro e outros metais—Serralharia Mecânica e Ci-  
vil—Construção de máquinas a vapor e diversas—Montagem e reparações  
de máquinas—Serralharia e Forjas—Aparelhos para indústrias—Instalações de  
fábricas—Coberturas metálicas—Motores hidráulicos—Colunas e vigas—Gra-  
dientes—Pressões hidráulicas e manilhas para azulejos—Máquinas Indus-  
triais e Agrícolas—Transmissões—Moinhos para farinha—Guindastes—  
Charrans—Reilhas—Reparações em todos os géneros de máquinas—Instalações  
eléctricas—Reparação de vapores.

DEPÓSITOS E EXPOSIÇÃO  
Escadinhas da Praia, 2 a 16  
Rampa de Santos, 9 a 17

Escritório: Rua 24 de Julho, 64  
Telefone Central 3408

(189)

## Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos  
e mesclas em cores lindíssimas,  
formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros  
**GRANDE NOVIDADE**

Chapéu mole,  
novo modelo americano,  
muito elegante,  
só na Cooperati-  
va A SOCIAL



ESPECIALIDADE  
EM CHAPEUS  
DE SEDA  
E  
FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33  
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A  
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29  
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

**Fábrica de bonets**

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

## Seguros Sociais Obrigatórios

Contra desastres no trabalho

Pedir as cadernetas para a inscrição obrigatória do pessoal ao CONSÓ-  
CIO GERAL DE SEGUROS CONTRA ACCIDENTES E RESPONSABILI-  
DADE CIVIL.

LISBOA, RUA IVENS, 49 —  
PORTO, RUA SÁ DA BANDEIRA, 222

## COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital Escudos 9.000:000\$00

Serviços regulares entre a metrópole  
e as colónias africanas

FROTA DA COMPANHIA

MOÇAMBIQUE, AFRICA, MOÇAMBIQUE, AFRICA, MOÇAMBIQUE, AFRICA,  
LOANDA, ZÁIRE, PENINSULAR, IBO e EXTREMADURA

PARA CARGA E PASSAGEIROS  
Em LISBOA: Escritório da Companhia—Rua do Comércio, 85  
No PORTO: Sucursal da Companhia  
Rua da Nova Alfândega, 76, 1.º

## Damião & C.ª

Especialidades em fatos, vestidos e cha-  
peus para crianças

57, Rua Garrett, 59

LISBOA

TELEFONE 2940

## Fundição Tipografica "A Funtipo,"

P. Gini—Director Técnico

Instalações rápidas para jor-  
nais e tipografias de luxo

Escritório e Depósito

R. Nova da Piedade, 60, 2.º-D.º

22. Telefone C.—4329

## Nunes & Nunes, Limitada

CASA BANCARIA

RUA AUREA, 97—LISBOA 741

Telefone C. 2108—2333

End. Teleg.—Doisnunes

Câmbios, papéis de crédito na-  
cionais e estrangeiros, coupons,  
notas e moedas estrangeiras,  
descontos e transferências.  
Depósito as ordens e a prazo.

## CLINICA DENTÁRIA

BARROS MARINHAS

Extracções dentes por anestesia espe-  
cial. Colocação dentes fixos e com placa.

25—Rua da Assunção—25

(Esquina da R. da Prata)

## A. J. CONTENTE

33-Rua do Comércio-33

CAMBÍOS, PAPEIS DE RÉ-  
DITO, coupons e moedas na-  
cionais e estrangeiras, etc.

## PREÇOS DE COMBATE

Sapataria João Salgado Oliveira

Brevemente, grande saldo por preços muito baratos

60—Rua Eugénio dos Santos—64

Aproveitem um grande saldo de botas de vitela à americana.  
—2 mil pares a 18\$50

A única casa que actualmente vende mais barato  
Remete para a provincia contra reembolso

## O BRIC-À-BRAC DE ALCANTARA

DE JOSÉ NICOLAU VERÍSSIMO

Rua de Alcântara, 37

SUCURSAL—Rua do Livramento, 111 e 113

Compra, vend: e troca móveis novos e usados e toda a qualidade de  
artigos de mobiliário completos de quarto, casa de jantar, escritório e sala.

Sucatas, trapos, papel e lã, 50% de desconto aos assinantes de  
A Batalha.

## Isqueiros



A verdadeira  
raça de a  
metal quer  
assim como  
todas as pe-  
ras para is-  
queiros ven-  
dem-se no  
Largo do  
Conde Barão  
55  
(Tabacaria  
do isqueiro  
à porta)

186

## Companhia de Papel de Gois

Ponte de Sotam-Gois

FABRICA toda a qualidade de papeis de em-  
brulho, sacos, cartuchinhos, manteigueiro,  
costaneiras, almagos, coquiles, escrita, impres-  
são, assatinados, capas e carta, bem como  
papeis de fabricação especial

**Lisos e pautados**

Agente e depositário geral

**A. B. dos REIS**

52, Cais do Sodré, Lisboa—Telefone C. 4.317  
10, Rua da Nova Alfândega, Porto—Tel. 2.192

## Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

**CAPITAL**

Ações . . . . . 360:000\$00

Obrigações . . . . . 288:630\$00

Fundo de reserva e amortizações . . . . . 360:000\$00

1.008:630\$00

## ESCRITÓRIOS E DEPÓSITOS

270, Rua dos Fanqueiros, 278

LISBOA

49, Rua Passos Manuel, 57

PORTO

Endereço telegrafico LISBOA e PORTO—PEAPRADO

## BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

**CAPITAL 13.500:000\$**

Sede em Lisboa: Rua do Comércio, 148  
(VULGO CAPELISTAS)

## CAIXA FILIAL NO PORTO

Agências em todas as capitais dos distritos administrativos do continente e  
ilhas, dos Açores e Madeira, na Cávila e em Setúbal.  
Correspondentes nas principais terras do país. Correspondentes nas Praças  
principais da Europa e do Brasil.

Operações: descontos, transferências, empréstimos e créditos em conta co-  
rente, com garantias determinadas pelos seus estatutos. Compra e venda de cam-  
biais, cartas de crédito sobre praças estrangeiras, depósitos de dinheiro e de valores  
e todas as transacções que pela natureza especial da instituição lhe são permitidas.

## NICOLAU GOMES CORREA

Alfaiate-Mercador



Fornecido e o r  
dos Empregados  
de Ferro Portu-  
gueses, do Sul  
e Sueste, da  
Caixa dos Ope-  
rários da Câmara  
Municipal de  
Lisboa da Coo-  
perativa da Fá-  
brica de Mate-  
rial de Guerra.  
Variado sorti-  
mento de uni-  
formes para ho-  
mens e senho-  
ras, padões da  
moda, preços  
limitados.

casacos de senhora já confecciona-  
dos, tudo pelos figurinos da moda.

255-Rua dos Fanqueiros-255

## FERRAGENS E FERRAMENTAS

**Valério, Lopes & C.ª L.ª**

Telefones (central) 2775 e 3478  
gramas Ferrame

Ferramental completo para todos os ofícios  
Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro,  
latão, zinco, chumbo e arames diversos.  
Carre, vagonetas e todos os pertences de material  
"Decauville"

22, Largo de S. Julião, 23

Rua Nova do Almada, 1, 3 e 5

LISBOA